



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

PATRÍCIA APARECIDA OLEASTRE RODRIGUES

**O APELO AO PATHOS EM UM PRONUNCIAMENTO POLÍTICO: UMA ANÁLISE
TEXTUAL**

**ABAETETUBA - PA
2021**

PATRÍCIA APARECIDA OLEASTRE RODRIGUES

O APELO AO PATHOS EM UM PRONUNCIAMENTO POLÍTICO: UMA ANÁLISE
TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo.

ABAETETUBA-PA
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- R696a Rodrigues, Patricia Aparecida Oleastre.
O apelo ao pathos em um pronunciamento político: uma análise textual / Patricia Aparecida Oleastre Rodrigues. — 2021.
XVI, 16 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^ª. Dra. Patricia Sousa Almeida de Macedo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2021.
1. Argumentação no discurso . 2. Pathos. 3. Referenciação
. I. Título.

CDD 469.8

PATRÍCIA APARECIDA OLEASTRE RODRIGUES

O APELO AO PATHOS EM UM PRONUNCIAMENTO POLÍTICO: UMA ANÁLISE
TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa. Área de concentração: Linguística.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo (UFPA)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão (UFPA)
Membro Interno da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

A *Deus* ou “*presença do bem*” que sinto toda vez que penso nele.

Ao meu pai/avó *Fausto Patrocínio Oleastre (in memoriam)* por ser o meu maior exemplo no que se traduz o amor.

A minha amada mãe *Odileia Oleastre* por ser a primeira a me apoiar no decorrer de todo o curso.

A minha irmãzinha *Paula Oleastre* por ter paciência quando eu só queria descansar.

Ao meu querido irmão *Patrique Oleastre* por ser a pessoa de uma inteligência prática incrível.

A minha vó/mãe *Maria das Graças (elha)* pelas infinitas orações.

Ao meu filhinho/sobrinho *Guilherme Oleastre* pelo fiel companheirismo e alegrias nos momentos em que eu mais precisava.

A minha querida e amada irmã *Priscila Oleastre* por mesmo de longe sempre torcer por mim.

A minha orientadora *Patricia Almeida* por acreditar que eu conseguiria.

Aos meus amigos *Eleonilda Silva, Vanessa Dias, Renata Ribeiro, Ítalo Silva* por estarem presente em todo esse longo percurso, meus mais sinceros obrigada.

A minha professora da primeira série *Noemia Ferreira* que embora possivelmente não lembre de mim, mas deixou marcas em meu coração me incentivando a leitura e mostrando a importância de um professor.

A todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram me apoiando.

O APELO AO PATHOS EM UM PRONUNCIAMENTO POLÍTICO: UMA ANÁLISE TEXTUAL

Patrícia Aparecida Oleastre Rodrigues

RESUMO: Neste artigo, buscamos investigar o funcionamento dos processos referenciais como estratégias textuais de argumentação e de mobilização do *pathos* no pronunciamento de posse do primeiro mandato do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva. A pesquisa baseia-se nos postulados de Ritty Amossy (2018) no que se refere à argumentação no discurso e à mobilização do *pathos*, estabelecendo uma articulação entre os pressupostos das retóricas clássica e nova e os princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa de viés não-materialista. Sobre a referenciação, adota-se os pressupostos da Linguística Textual, baseados em Cavalcante (2012), Macedo (2018), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), entre outros. Verificamos, na análise, que o referente “povo brasileiro” tem proeminência nesse texto e o modo como ele foi construído contribui significativamente para o empreendimento argumentativo do locutor.

PALAVRAS-CHAVES: Argumentação no discurso. Pathos. Referenciação.

1 INTRODUÇÃO

É inegável que as emoções sempre moveram o mundo, seja no cotidiano, seja nas interações mais institucionalizadas. Percebemos a importância do *pathos* para influenciar o outro desde a antiguidade, quando Aristóteles dedicou o livro intitulado “A retórica das paixões” para explicar sobre esse meio de prova retórico, que consiste em levar o auditório a sentir emoção por meio do discurso. Nessa perspectiva, a presente pesquisa pretende mostrar como, em um pronunciamento político de posse do cargo de Presidente da República Federativa do Brasil, o modo como os referentes são construídos nesse texto contribuem para que o locutor venha a orientar os modos de ver e de sentir do auditório. Para isso, elegemos como dado de análise o discurso de posse do primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, também denominado “discurso de compromisso constitucional” ou “primeiro discurso à nação”.

Inicialmente, trataremos da análise da argumentação no discurso, apresentando seus fundamentos e a distinção entre dimensão argumentativa e visada argumentativa, com base em Amossy (2018). Em seguida, trataremos das noções de referenciação e de processos referenciais com a qual trabalhamos, apoiando-nos nos trabalhos de Cavalcante (2012), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Martins (2019), para, com base nesses pressupostos argumentativos e linguísticos, analisarmos o dado escolhido.

Por fim, passaremos à análise de modo como certos referentes e processos referenciais servem de indício de apelo ao *pathos*. Segundo Amossy (2018), é possível apelar à emoção do alocutário de duas formas: mencionando-a explicitamente ou tentando provocá-la sem que ela

seja designada. Buscaremos também perceber qual desses tipos de apelo ao *pathos* as construções referenciais no texto em análise sugerem.

2 A ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

A análise da argumentação no discurso (AAD) propõe-se descrever os diversos modos de funcionamento da argumentação em textos empíricos, buscando evidenciar os confrontos discursivos que lhe são subjacentes, os seus enquadres genéricos e os recursos de linguagem que indiciam diferentes tipos de argumentos. Para isso, Amossy (2018) defende uma articulação entre a Análise do Discurso (AD) francesa de viés não-materialista e as retóricas clássica e nova.

Na retórica aristotélica, a argumentação fazia parte da vida social e política da sociedade, era de extrema importância que o cidadão dominasse a “arte do bem dizer”, usando de técnicas da argumentação para alcançar seu objetivo de levar o auditório a aderir à sua tese. A retórica clássica considerava apenas alguns gêneros como sendo argumentativos (o jurídico, o deliberativo e o epidítico), porque estes eram discursos destinados a um auditório que o orador buscava influenciar pelo uso da palavra, por meio de argumentos que lhe parecessem razoáveis. Na nova retórica, apesar de a noção de argumentação não mais se restringir a esses gêneros, seu fundamento permanece o mesmo: trata-se de buscar influenciar um auditório, pelos recursos da linguagem, a aderir a uma tese.

Ruth Amossy (2018) contrapõe-se à ideia segundo a qual somente nos textos em que se defende uma tese haveria argumentação. Para ela, muitos são os textos nos quais não se busca a adesão do interlocutor a uma tese programada, mas todos eles buscam exercer alguma influência sobre o outro:

Da conversão corrente aos textos literários, muitos são os discursos que não têm objetivo argumentativo, no sentido de que eles não veiculam nenhuma intenção de persuadir e não esperam fazer o alocutário aderir a uma posição claramente definida por estratégias programadas. Todavia, mesmo a fala que não ambiciona convencer busca ainda exercer alguma influência, orientando modos de ver e de pensar. (AMOSSY, 2018 p. 129).

Para Amossy (2018), todo discurso tem por objetivo produzir um impacto sobre o seu público. Para a autora, um discurso pode manifestar uma *visada argumentativa*, quando o locutor busca conquistar a adesão do público a uma tese, com estratégia já programada de persuasão, como é o caso dos debates políticos. Outros discursos, no entanto, podem manifestar tão somente uma *dimensão argumentativa*, constitutiva da linguagem e que busca orientar a maneira de ver do auditório. Em outras palavras: “A existência de dimensão argumentativa

requer tão somente que um ponto de vista se manifeste sob o fundo de posições antagônicas ou divergentes, que não precisam ser explicitamente formuladas” (MACEDO, 2018 p. 44).

A análise argumentativa do discurso tem por objetivo investigar a argumentação como parte constitutiva do funcionamento da língua dentro de um contexto sócio-histórico que está em constante mudança. Esse objetivo justifica as características que Amossy (2018) atribui à sua abordagem:

1. **Linguageira.** A argumentação não se caracteriza apenas por estratégias programadas, mas se constrói a partir dos diversos recursos oferecidos pela linguagem, incluindo termos lexicais, encadeamentos de enunciados, entre outros.
2. **Comunicacional.** A AAD pressupõe que todo discurso se pauta em uma troca entre orador/locutor e auditório/alocutário dentro de um processo de comunicação.
3. **Dialógica.** O dialogismo é um pressuposto importante para a AAD, pelo fato de esta assumir que todo uso da língua responde a algum já-dito, mesmo quando essa troca é virtual.
4. **Genérica.** Toda argumentação sempre se inscreve em algum gênero discursivo e as determinações genéricas dos textos estão inteiramente ligadas à sociedade que o institucionaliza, aos quadros de enunciação e à distribuição dos papéis.
5. **Figural,** pois também analisa as figuras de retórica, os possíveis efeitos delas sobre o auditório.
6. **Textual,** porque é nos textos que os recursos de linguagem se manifestam e a argumentação pode ser estudada no seu nível de construção textual.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar o papel do auditório: “Evidentemente, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1970, p. 21). Definimos o auditório como o interlocutor a quem o orador busca persuadir pelo seu discurso, seja este oral ou escrito, podendo conter apenas uma pessoa ou várias, um grupo, ou mesmo uma multidão. O auditório pode ser “consciente” de que aguarda por uma conquista, que quer ser convencido (como no caso do júri popular), ou simplesmente um leitor que está sendo influenciado por um romance, mesmo sem que este seja estruturado por um arrazoado que sustenta uma tese.

De toda maneira, o orador precisa conhecer o público ao qual seu discurso será endereçado, conhecer suas crenças e valores ou, pelo menos, ter uma ideia sobre quais são os seus interesses, o que o comove. Poderia não ser eficaz, por exemplo, discursar sobre a queda da bolsa de valores com alguém que não tenha interesse nesse assunto ou falar sobre a realidade

na periferia do Rio de Janeiro sem de fato conhecê-la. “Adaptar-se ao auditório é, antes de mais nada, levar em conta sua *doxa*” (AMOSSY, 2018 p. 54-55).

De acordo com a análise da argumentação no discurso, de fato, o locutor deve construir uma imagem o mais fidedigna possível do seu público, para ter uma referência sobre as suas opiniões e sua bagagem sócio-histórica. Somente conhecendo o seu público, o orador terá um prévia de argumentos possíveis:

De fato, o locutor deve elaborar uma imagem de seu público se quiser ter como referência as “opiniões dominantes”, “as convicções indiscutíveis”, as premissas admitidas que fazem parte da bagagem cultural, ele deve conhecer o nível de educação de seus interlocutores, o meio social do qual fazem parte, as funções que ele assume na sociedade. É somente quando ele consegue ter uma ideia de seu público que o orador pode tentar aproximá-la de seus próprios pontos de vista. (AMOSSY, 2018, p.55).

Percebemos que, na AAD, assim como na antiga retórica clássica, a imagem que o orador faz do auditório é determinante para seu projeto de persuasão.

Feitas as considerações que consideramos centrais para a compreensão da AAD, conforme proposta por Amossy (2018), passaremos a tratar do critério de análise textual que elegemos para este trabalho: a referenciação.

3 A REFERENCIAÇÃO

A referenciação é um fenômeno muito estudado no campo da Linguística Textual (LT) e tem ligação direta com as noções de texto e de coerência. Trata-se de um fenômeno que se define, segundo Cavalcante (2009, p. 2635), como um processo cognitivo-discursivo de construção de referentes/objetos de discurso, que podem ser reconhecidos a partir dos conhecimentos compartilhados, da bagagem cultural do interlocutor e do foco de atenção que é dado em cada ponto do discurso.

A principal característica da referenciação está atrelada à construção e reconstrução dos objetos discursivos, pela retomada, recategorização ou até mesmo acrescentar informações no discurso que em muitos casos não está explícita no texto, esses conhecimentos prévios para (CAVALCANTE; SANTOS, 2012 p. 659) podem se dar pelo A referenciação, conforme já afirmamos, está relacionada à coerência, cuja (re)construção, por parte do interlocutor, depende de seus conhecimentos prévios. Para Cavalcante e Santos (2012, p. 659), esses conhecimentos são de diversos tipos: o conhecimento textual diz respeito ao conhecimento de gêneros, da organização textual, tal como sabermos diferenciar uma reportagem de um texto científico, pelo modo como cada texto é organizado; o conhecimento linguístico refere-se aos saberes sobre o

sistema de uma língua, em seus diversos níveis (lexicais, fonológicos, sintáticos); o conhecimento de mundo depende da carga sociocultural que o indivíduo carrega; o conhecimento intertextual está relacionado às referências explícitas ou implícitas a outros textos; e, por fim, o conhecimento contextual diz respeito aos saberes sobre onde e quando os textos são produzidos e/ou compreendidos.

É importante esclarecer que, apesar de termos separado os ditos conhecimentos prévios para defini-los, na prática, eles são acionados conjuntamente e convergem para a construção dos sentidos de um texto. Por exemplo, na frase “Não ponha a carroça na frente dos bois”, temos o conhecimento prévio de que se trata de um dito popular e de que se trata de uma metáfora utilizada para expressar a ideia segundo a qual a pessoa a quem nos dirigimos está querendo passar para o nível dois sem antes fazer o nível um. Nas palavras de Cavalcante e Santos (2012, p. 660):

Em todo texto/discurso, o enunciado constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicções, disponível, em diferentes medidas, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação.

Para entendermos melhor o fenômeno da referenciação, falaremos sobre os processos referenciais. Cavalcante (2012) cita três categorias de processos referenciais: a **introdução referencial**, a **anáfora** e a **dêixis**. A **introdução referencial** diz respeito à estreia de um referente no texto, ou seja, à sua primeira aparição. Esse referente que já foi introduzido pode ser retomado; neste caso, teremos a ocorrência de **anáfora**, que tem por objetivo continuar o referente. As anáforas se subdividem em três tipos: diretas/correferenciais, indiretas e encapsuladoras. As **anáforas diretas** ou **correferenciais** retomam um referente já introduzido no texto, acrescentando-lhe informações, ou seja, recategorizando o referente dentro da progressão textual. Quando se trata de um referente que ainda não foi explicitamente introduzido no texto, mas cuja presença tenha sido sugerida por outro já introduzido, temos um caso de **anáfora indireta**. A compreensão de uma anáfora indireta depende, em grande parte, dos conhecimentos contextual, cognitivo e sociocultural dos interlocutores. Por fim, a **anáfora encapsuladora** ocorre quando se retoma não um referente específico, mas uma porção textual. A terceira categoria de processo referencial é a **dêixis**, que corresponde ao estabelecimento de um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa. Para Martins (2019, p. 29), “os dêiticos constituiriam elementos que apontariam não para outros termos do cotexto, mas para o ponto de origem do locutor dentro da situação comunicativa”, podendo se dar tanto como uma

introdução referencial quanto como processos de retomadas. Cavalcante (2012) as subdivide em:

Dêixis pessoal: refere-se aos pronomes de primeira e segunda pessoa (eu, tu, você, me), estabelecendo uma relação direta entre locutor e interlocutor;

Dêixis social: trata-se das formas languageiras de tratamento, de maior ou menor formalidade, relativas a certo nível de polidez, o que diferencia o “você” de “V.sa.” em certas situações comunicativas;

Dêixis espacial: estratégia referencial que marca a proximidade ou a distância do referente em relação ao local da enunciação;

Dêixis temporal: estratégia referencial que indica a relação do referente com o momento/tempo da enunciação;

Dêixis textual: trata-se da coordenada relativa à progressão linear do texto, quando o referente situa o leitor no cotexto, considerando os aspectos espacial e temporal, como no caso das expressões “A seguir”, “No parágrafo que se segue”, “na ilustração abaixo”, etc.

Dêixis de memória: faz referência a um objeto de discurso não explicitado no texto, mas que é de conhecimento compartilhado entre o locutor e o interlocutor.

4 ANÁLISE DE UM PRONUNCIAMENTO POLÍTICO DE POSSE

O dado de análise deste trabalho é o pronunciamento de posse proferido em janeiro de 2003, em sessão solene do Congresso Nacional, pelo então eleito Presidente da República Federativa do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva. Essa havia sido a primeira vez que Lula assumia a presidência do país e esse seu discurso encontra-se disponibilizado, na íntegra, no site da Biblioteca da Presidência¹.

O Presidente inicia seu discurso cumprimentando os chefes de Estado e de Governo, os ministros de Estado, o chefe do Judiciário, visitantes e demais presentes na sessão.

No terceiro parágrafo, inicia a mensagem de Lula a todos os presentes:

"Mudança": esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. **A esperança**, finalmente, venceu **o medo** e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos. (p. 1)

¹ <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/discursos-de-posse/discorso-de-posse-lo-mandato>

Nesse trecho, duas expressões referenciais introduzem dois referentes que serão centrais ao longo desse texto: “Mudança” e “[d]a sociedade brasileira”. O referente “mudança” é retomado e recategorizado logo em seguida, como sendo “a palavra-chave” e “a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro”. Também o sintagma nominal “novos caminhos” mantém o referente “mudança” e acrescenta-lhe a ideia segundo a qual os rumos que a sociedade espera da política empreendida pelo Presidente sejam diferentes dos até então seguidos. Nesse ponto, duas emoções são explicitamente atribuídas à parte, diríamos, principal, do auditório ao qual a fala de Lula é dirigida: o povo brasileiro. O sentimento de esperança teria sido, de acordo com o locutor, determinante para a sua escolha como maior representante do Poder Executivo brasileiro. O apelo ao pathos, aqui, é explicitamente marcado no cotexto.

O orador procura orientar o modo de sentir do povo brasileiro, que, apesar de já estar convencido (de vez que se trata de um discurso de posse do cargo de Presidente da Nação) de que Lula era a melhor opção, é projetado no texto como sujeito propenso a ser persuadido. Amossy (2018, p. 67) afirma que o orador, face a face com o auditório que já aderiu à sua tese, “autoriza estratégias argumentativas, como o recurso à afirmação enfática e ao *pathos*, que não poderiam ser usadas em outra situação interacional.”

No parágrafo seguinte, vemos a enumeração dos supostos motivos pelos quais o povo decidiu pela mudança de orientação política do país:

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades, diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária. (p. 1)

As razões aí enumeradas remetem à ideia de que as políticas até então empreendidas desencadearam sentimentos tais como insatisfação (“diante do fracasso”, “diante da precariedade avassaladora”) e frustração (“um modelo que, em vez de gerar crescimento,

produziu estagnação”), pelo menos, para os que compartilham de uma *doxa* que preze pelo progresso social comum, pela solidariedade e pelo respeito ao próximo. Para Meyer (2007, p. 39 apud BARBOSA, 2014, p. 97), o *pathos* está dentro do conjunto de valores que alimenta as indagações que um indivíduo considera pertinentes.

No quinto parágrafo do pronunciamento, é possível perceber a presença de uma anáfora encapsuladora (“Foi para isso”) e, pela primeira vez, a presença de um “eu” no discurso:

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu país o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela Nação com a qual a gente sempre sonhou: uma Nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos. (p. 1-2)

A anáfora encapsuladora, a um só tempo, retoma a porção anterior correspondente ao trecho “a sociedade escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária” e aponta para a porção “para mudar”, que se encontra após os dois pontos e que corrobora o trecho anterior encapsulado. Já a dêixis pessoal introduzida pelo pronome “me” tem como referente o então recém-eleito Presidente Lula, que é retomado, no mesmo parágrafo, pelos pronomes “mim”, “eu” e “meus”. Por esses processos referenciais, o locutor constrói uma imagem de si (um *ethos*) como representante do povo brasileiro proclamado pelos seus e apela ao sentimento de confiança do seu auditório.

Ainda nesse parágrafo, ao passar de um “eu” que fala por si, para um “a gente” que fala por todos, que é o “porta-voz” da sociedade brasileira que anseia por mudanças, o locutor supõe que certos desejos são partilhados, tais como o desejo por dignidade e por justiça social.

Ao longo de todo o pronunciamento, essa alternância entre o “eu” individual e o “nós” coletivo é feita, tal como ocorre em: “Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. (...) É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país”.

Na retórica clássica, Aristóteles cita as paixões que podem vir a persuadir um auditório. Algumas delas são: o amor, a compaixão, a vergonha, a ira, a cólera, a indignação, o temor, Para Amossy (2018, p. 198), “levar em conta as paixões que movem o ser humano dá origem, assim, a uma visão da retórica como uma arte de tocar os corações”. A autora afirma ainda que o *pathos* é o efeito emocional que se pretende produzir no alocutário. No discurso de posse analisado, percebemos algumas estratégias do orador para que o seu auditório se sinta tocado.

Observemos o parágrafo 12:

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão. (p. 3)

Essa descrição do Brasil, primeiramente como sendo um país de terras férteis e de um povo trabalhador, conduz o raciocínio em direção à conclusão de que “não deveria haver razão alguma para se falar em fome”. Ora, se um país tem os meios necessários para que sua população não passe fome, quais são os motivos para que a fome ainda seja uma realidade nesse país? O locutor projeta um auditório que compartilha de valores como Igualdade, Justiça, Vida e Dignidade e que, portanto, é capaz de indignar-se diante do fato de que há pessoas passando fome em um país produtivo. Além da possibilidade desse auditório sentir indignação, a frase “[milhões de brasileiros] Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão” pode ser capaz de despertar um sentimento de piedade e de compaixão para com aqueles que passam fome. Para Charaudeau (2017, p. 241), “A emoção pode ser percebida na representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater”; no caso desse pronunciamento, o objeto representado e ao qual o locutor se dirige é o povo brasileiro. Compartilhando com ele uma *doxa* que pressupõem o desejo de mudança, o orador mobiliza dados relativos a uma parcela desse próprio povo (milhões de nós, brasileiros, passam fome), para tocar seu auditório.

Segundo Amossy (2018, p. 207), sobre o apelo ao *pathos*, “pode-se em um primeiro momento, evocar dois casos típicos: aquele em que a emoção é mencionada explicitamente e aquele em que ela é provocada sem ser designada”. No parágrafo 12, as emoções a serem

despertas no auditório não foram designadas; elas estão subjacentes ao raciocínio construído no texto, que prossegue no parágrafo seguinte:

Essa é uma história antiga. **O Brasil** conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Nesse parágrafo, o primeiro encapsulador (“Essa é uma história antiga”) recupera a história do país cheio de terras férteis e de pobreza ao mesmo tempo. O referente “Brasil”, que já havia sido introduzido no texto, indiretamente, pela expressão “sociedade brasileira”, logo no primeiro parágrafo. Além do mais, trata-se de um referente que, por óbvio, é previsto em um texto do gênero *pronunciamento de posse* [do cargo de Presidente do Brasil]. A recategorização de “Brasil” nesse parágrafo é feita pela enumeração de marcos econômicos históricos desse país, que são confrontados com um único e mesmo fato também histórico: o Brasil não venceu a fome. Este fato é sempre contraposto aos feitos econômicos da nação por intermédio do conectivo “mas”, que denota a inversão lógica desses acontecimentos e, conseqüentemente, a insignificância desses feitos para o povo, que segue passando fome. Ao mesmo tempo em que costura um raciocínio razoável (isto é, apela ao *logos*), o locutor evoca um sentimento de injustiça que, mesmo não estando explícito, podemos identificar pelos indícios verbais do texto.

Na perspectiva aristotélica, “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (Aristóteles, 2005, p.97) . Nesta análise, vimos que o locutor buscou, por diversas vezes, tocar o auditório, para persuadi-lo. É necessário ressaltar, no entanto, que o próprio locutor também é influenciado por um conjunto de forças socioideológicas e institucionais das quais, quase sempre, ele não tem consciência: “antes de buscar levar seu interlocutor a aderir a uma opinião, ele mesmo [o locutor] adere (ainda que inconscientemente) a uma *doxa* que está subentendida em seu projeto persuasivo e em sua fala, e fora da qual não é possível dizer nem se dizer” (MACEDO, 2018, p. 40).

De acordo com Amossy (2018), a argumentação pode consistir tanto na tentativa de conquistar a adesão do auditório a uma tese como na simples tentativa de orientar a maneira de ver, de pensar e de sentir dos interlocutores. Com isso, podemos perceber que o pronunciamento de posse analisado, como todo texto, contém uma dimensão argumentativa, mas que também contém visada, expressa no texto pela defesa da tese de que o povo brasileiro quer mudança. Seja pela designação explícita (como ocorre no enunciado “A esperança, finalmente, venceu o medo”), seja pela atribuição apenas sugerida (como ocorre nos demais trechos analisados e em grande parte do pronunciamento em tela), o locutor apela às emoções de seus interlocutores, buscando orientar sua maneira de sentir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivamos demonstramos pelos pressupostos e instrumentos analíticos da LT e da Análise da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, como o orador constrói estrategicamente certos referentes em um pronunciamento político de posse e apela ao *pathos*, com vistas a orientar o modo de sentir de seus interlocutores.

A pesquisa mostrou-se profícua, uma vez que a descrição e a análise dos processos referenciais no dado selecionado nos permitiram perceber que a mobilização das emoções é essencial (embora não única) nesse discurso de posse, para angariar apoio do auditório. Essa pesquisa é apenas o início de nossos trabalhos em análise textual e argumentativa e esperamos que, em breve, ela poderá ser continuada, principalmente no sentido de buscar compreender como os processos referenciais incidem na construção dos demais meios retóricos de persuasão: o *logos* e o *ethos*.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Angela Corrêa et al. Coord. da trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

MARTINS, Mayara Arruda. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. Dissertação (Mestrado em linguística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

CAVALCANTE, Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 242f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

Discurso do Presidente da República Presidência da República Secretaria de Imprensa e Divulgação 01/01/2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, Willian; MENDES, Emilia (Org.). **As Emoções no Discurso**, v. 1. Lucerna: Rio de Janeiro, 2007, p. 1-7.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014

BARBOSA, R. S. P. **Negociando distâncias: análise retórico-discursiva do pronunciamento do ex-presidente Lula no II Fórum Mundial de Direitos Humanos**. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, Ilhéus, n. 3, p. 88 – 106, nov. 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

ARISTÓTELES, **Retórica**. Biblioteca de autores Clássicos. Imprensa Nacional casa da moeda. Lisboa, 2005.